

A vergonha é um fato social?

Maithê Potrich (UEL)ⁱ

RESENHA

ERNAUX, Annie. *A Vergonha*. Tradução: Marília Garcia. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

Em *A Vergonha*, escrito em 1995 e publicado no Brasil em 2022 pela Editora Fósforo, a epígrafe escolhida por Annie Ernaux diz que a linguagem não é a verdade: a linguagem é uma forma de existir no universo. Nesse livro, que é mais um da sua obra autobiográfica, Ernaux precisou de pouco mais de 80 páginas para contar a si como ela existiu em 1952, ano em que viu seu pai tentar matar sua mãe.

A autora nasceu no mês de setembro de 1940 numa comuna do interior da França, Lillebonne. Filha de camponeses proprietários de uma pequena mercearia, ela concluiu sua formação acadêmica na Universidade de Rouen e trabalhou como professora ao mesmo tempo em que escrevia os primeiros registros da sua obra. A entrada da autora Annie Ernaux no universo literário data de 1974, mas seu reconhecimento veio posteriormente por ocasião da publicação do livro *Os Anos* em 2008 e, mais recentemente, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. A origem e as experiências que atravessaram sua vida são o repertório principal de seus livros, e *Vergonha*, especialmente, escancara os efeitos de um episódio de violência doméstica nas relações intra e interpessoais que preencheram a vida de Ernaux nos anos seguintes.

A tarefa mais exaustiva dessa resenha é, sem dúvidas, encaixar *A Vergonha* num dos gêneros que a teoria literária nos oferece. Nas primeiras páginas, a autora deixa claro que não quer fazer uma narrativa. Ela não quer reproduzir uma realidade, mas buscá-la. Para isso, fará das memórias documentos que iluminam uns aos outros.

ⁱ Mestranda em Sociologia na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Graduada em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9496-0800> | E-mail: maithepotrich@gmail.com.

Assim, Ernaux se diz uma etnóloga de si mesma. Entretanto, há uma tensão entre essa afirmação e as correntes da antropologia que rejeitam a categorização da etnografia como método. De acordo com o antropólogo Tim Ingold (2017, p. 223), “O objetivo da etnografia [...] é produzir uma descrição – escrita, filmica ou que faça uso de outro meio gráfico – da vida como ela é de fato vivida e experienciada pelas pessoas em dado lugar e em dado período”. Para Peirano (2014), uma boa etnografia exige que se considere a comunicação no contexto em que ela acontece e que se identifique de forma analítica a eficácia social das ações. *A Vergonha* descumpra esses requisitos.

Ainda no início do livro, enquanto nos informa seus métodos, a escritora diz:

Mas a mulher que sou em 1995 é incapaz de se ver na menina de 1952, que só conhecia sua cidadezinha, sua família e sua escola, que só tinha à disposição um vocabulário reduzido. E, a sua frente, a imensidão do tempo por viver. Não existe memória sobre si mesma. (ERNAUX, 2022, p. 23)

Assim, é a Ernaux de 1995 que busca descrever a experiência vivida aos doze anos de idade. Dessa forma, ao invés de fazer etnografia, a qual pressupõe descrever a realidade na inteireza das experiências tidas ali, a autora abraça a tarefa de imitá-la.

A imitação de que falo aqui é aquela que compõe a concepção aristotélica de mimese. Para Aristóteles (2020), a mimese é uma arte literária: a capacidade de criar a realidade por meio da linguagem. Não se trata, portanto, de uma mera cópia do real, mas da sua produção à determinada maneira. Daí, destaca-se que a mimese não é exclusiva da literatura, mas um processo do qual a natureza também se vale. O que diferencia arte e natureza são seus princípios. Ao passo que esta tem um princípio interno, naquela ele é exteriorizado, e o que nos permite capturá-lo é a literariedade.

Textos literários e não literários distinguem-se pela capacidade inventiva e representativa que é exclusiva aos primeiros. Ademais, os textos literários são carregados de atemporalidade e universalidade; recheados por uma linguagem conotativa e comprometidos com a ficcionalidade e a verossimilhança. Esta é elemento essencial da mimese. Verossímil não é aquele que representa a realidade, mas o real, ou seja, as possibilidades simbólicas que dela fazem parte.

Em primeira pessoa, Ernaux regressa à cidadezinha, à família e à escola, que constituíam o seu mundo de outrora. Nelas, a autora não busca a realidade, mas as possibilidades que vislumbrava ali, no Pays de Caux, o qual ficava à margem direita do

rio Sena, entre Le Havre e Rouen. Ali, onde seu pai tentou matar sua mãe num domingo de junho no começo da tarde, depois de voltarem da missa e antes de irem passear de bicicleta.

O episódio fático que insere, na existência da autora, um filtro entre ela e as coisas vividas ocorreu numa minúscula cozinha, “[...] que ficava espremida entre o café, a mercearia e a escada que levava ao andar de cima” (ERNAUX, 2022, p. 9). Além dessa, as memórias do pensionato e da cidade onde morava tornaram-se documentos, que, nas mãos da autora, organizaram-se em prol da tarefa à qual ela se propõe. É no manuseio desses documentos que a linguagem literária do texto salta aos olhos do leitor.

A linguagem literária é um produto social. Ela exerce, sobretudo, uma função sociocomunicativa, e isso a obra de Annie Ernaux, diga-se de passagem, cumpre com excelência. *A Vergonha* é um produto extraído das relações sociais que organizavam a vida em Pays de Caux e na escola particular que Ernaux frequentava. A autora diz que:

Descrever, pela primeira vez, sem nenhuma regra para isso além da precisão, ruas que nunca foram pensadas por mim, mas só percorridas durante a infância, é tornar legível a hierarquia social que elas continham. (ERNAUX, 2022, p. 30, grifo nosso)

A escritora inscreve uma quantidade exaustiva de regras a que obedecia exaustivamente. Primeiro, ensina-nos quais gestos eram permitidos aos homens e quais os eram às mulheres. Depois, a autora (ERNAUX, 2022, p. 35) explica como a semana e a vida se dividiam: aquela em dias definidos pelas “funções coletivas e familiares e por programas de rádio”; a outra em “idades de”. As pessoas também não estavam ílesas à categorização: elas eram avaliadas segundo seu grau de sociabilidade. “Era preciso ser simples, honesto e bem-educado” (ERNAUX, 2022, p. 39). Dentro dos muros da escola particular católica, na qual Ernaux era a única representante da sua família, as regras eram outras: formar uma fila no pátio coberto ao tocar o primeiro sinal; não pôr as mãos no corrimão da escada; levantar quando uma professora, um padre ou a diretora entram na sala e ficar em pé até que eles saiam; e abaixar a cabeça sempre que se dirigir às professoras.

A autora (ERNAUX, 2022, p. 52) deixa claro, porém, que:

[...] nunca se experimenta o sentimento de uma ordem coercitiva. A influência da lei deve acontecer de forma suave, familiar, por exemplo, por

meio do sorriso de consentimento da “senhorita” ao cruzarmos com ela na calçada e fazermos um cumprimento respeitoso.

Ernaux esteve entregue à familiaridade e à suavidade dessas leis e imersa nessa realidade até ser arrancada dela pela vergonha, que sugiro ser interpretada como um fato social, conceito cunhado por seu conterrâneo. Em *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim (2007) define um fato social como uma maneira de agir, pensar ou sentir que, sendo exterior aos indivíduos, exerce sobre eles uma força coercitiva, de modo a impregnar toda a sociedade e a nutrir uma existência que independe das manifestações individuais as quais possa ter. Se os fatos sociais não têm origem nos indivíduos, têm-na na sociedade.

A sociedade, do ponto de vista durkheimiano, é um fato *sui generis*: original e singular. Isso significa dizer que os seus membros são orientados por uma “consciência coletiva” que abriga crenças, tendências e práticas compartilhadas por todos. Ernaux (2022, p. 67) demonstra afinidade com essa ideia ao reconhecer que o território da vergonha não era sua exclusividade: “[...] o pior da vergonha é que achamos que somos os únicos a senti-la”. Entretanto, a experiência da vergonha não é a mesma para qualquer indivíduo. Para Durkheim (2007), o fato social é diferencialmente interpretado pelas “consciências individuais”. Ernaux (2022) compara a sua vergonha àquela experimentada por pessoas em situação de alcoolismo e distúrbio mental.

Compreender a vergonha nesses termos sugere vê-la como substituta das regras de convívio da sociedade e da escola, outrora experimentadas com afabilidade por sua subordinada. A vergonha é o fato social que orientava a existência de Ernaux, a força coercitiva que atuava sobre ela e os outros e determinava a sua maneira de agir.

Toda a inocência social que Ernaux aprendera na escola se dissolveu ao ver seu pai tentar matar sua mãe. A escola particular, um lugar que exalava excelência e perfeição – qualidades pelas quais Ernaux se reconhecia e era reconhecida pelos demais – tornou-se um território estranho para ela. O seu desempenho escolar caiu e a sua disposição minguou.

“Na vergonha há o seguinte: a impressão de que agora tudo pode acontecer com você, de que nunca haverá uma trégua, que mais vergonha vai se somar à vergonha” (ERNAUX, 2022, p. 69). De fato, décadas depois, Ernaux ainda sentia vergonha

daquilo. Com lucidez, a autora entrou nas profundezas da sua alma envergonhada de 1952 e presenteou a literatura com um livro singular.

Na verdade, de acordo com Figueiredo (2022, p. 53), “A escrita de Ernaux é, ao mesmo tempo, autobiográfica e sociológica, porque mostra a história de um eu inserido em uma classe social específica”. Esse diagnóstico é esclarecido quando Ernaux (2022, p. 80) diz que a vergonha é “[...] uma consequência inscrita na profissão dos meus pais, nas dificuldades financeiras que eles tinham, em seu passado como operários, em nossa forma de viver. A vergonha se tornou, para mim, um modo de vida.” Por esse motivo, fixar *A Vergonha* num gênero literário é dispendioso, porque os gêneros literários modernos não dão conta da escrita de Ernaux – ela os supera.

Aristóteles (2020) dividiu os gêneros literários em lírico, épico e dramático. Porém, as inovações literárias dos séculos posteriores não couberam nessas categorias. Os gêneros passaram a se dividir em dois tipos: clássicos e modernos. Destes, destaco quatro: romance, conto, novela e crônica. O romance se caracteriza pela sua larga extensão e presença de conflitos e personagens complexos. *A Vergonha* tem, apenas, pouco mais de 80 páginas. Em contrapartida, os contos são mais enxutos e giram em torno de um só conflito. Entre o romance e o conto, estão as novelas. Estas, por sua vez, têm um tamanho médio e abrigam mais enredos. Na autobiografia de Ernaux, não há espaços para coadjuvantes. Por fim, as crônicas tomam como ponto de partida acontecimentos do cotidiano e lançam sobre eles um olhar crítico. Isso não falta para a autora, mas a cena que ela presenciou no domingo de junho de 1952 não era cotidiana – embora Ernaux temesse sua reprodução.

Em síntese, a classificação como um conto seria, portanto, a mais justa para *A Vergonha* – livro dono de coerência e profundidade ímpares. Cronológica e geograficamente localizado, ele tem um ponto de partida que nos é escancarado logo nas primeiras linhas: “meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da tarde” (ERNAUX, 2022, p. 9). O conflito que permeou a existência de Ernaux, a partir daí, não é perdido de vista sequer nas últimas páginas: “já não guardo nada em comum com a menina da foto, a não ser a cena do domingo de junho que ela traz na cabeça e que fez escrever esse livro, porque nunca saiu de mim” (ERNAUX, p. 80). A foto de que fala foi tirada numa viagem que Ernaux e seu pai fizeram para Biarritz. O ano era 1952.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Editora Blucher, 2020. E-book.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3. ed. Lisboa: Editorial, 2007.

ERNAUX, Annie. *A Vergonha*. Tradução: Marília Garcia. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

FIGUEIREDO, E. Nobel de Literatura premia francesa Annie Ernaux. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, v. 23, n. 321, nov. 2022. P. 52-53. Entrevista concedida a C. Queiroz. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/nobel-de-literatura-premia-francesa-annie-ernaux/>. Acesso em: 4 maio 2023.

INGOLD, Tim; ALMEIDA, Rafael Antunes. Antropologia versus etnografia. *Cadernos de campo*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 222-228, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/140192/140850>. Acesso em: 4 maio 2023.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

Recebido em: 05/05/2023

Aceito em: 08/07/2023